

Hermenêutica Feminista Negra: *Talitha cum* como poder da ressurreição

Lucien Nzamba¹

Resumo: Em muitas sociedades as mulheres sempre foram subjugadas e consideradas inferiores aos homens. Partindo da visão tradicional de que as mulheres são vítimas desde a aurora dos tempos, por parte dos homens, o presente trabalho revela que não só uma certa interpretação machista da Bíblia tem contribuído para essa opressão, mas também que a mesma Bíblia, lida diferentemente, pode propor solução para prevenir e evitar os danos causados por sua má interpretação. Este é nada menos que o trabalho que cabe ao Círculo de Teólogas Africanas Preocupadas, pioneiras da hermenêutica *Talitha cum*, considerada como a arte de se levantar continuamente contra os poderes mortíferos que causam tanta desolação e infortúnio no continente africano. Essa hermenêutica segue, *mutatis mutandis*, os passos de Kimpa Vita (1682-1706) que, à custa da sua própria vida, iniciou um vigoroso protesto contra o poder religioso e político do seu tempo no reino do Congo, ao propor uma interpretação “anti-imperialista” da Bíblia. Algo impensável para uma mulher negra no auge da colonização europeia entre o final do século XVII e início do século XVIII.

Palavras-chave: Opressão. Mulheres. Bíblia. Kimpa Vita. *Talitha cum*.

INTRODUÇÃO

A história da humanidade é marcada por altos e baixos nas relações humanas. Os homens, por vários motivos, sempre consideraram as mulheres inferiores a eles. Um dos instrumentos utilizados para afirmar a autoridade ou a superioridade do homem sobre a mulher é, paradoxalmente, a Bíblia. Ela carrega o peso cultural não apenas do lugar, mas também das pessoas que a elaboraram. Porque a cultura judaica de onde provém a atravessa com sua inegável marca patriarcal. Lidos e interpretados por homens, os textos sagrados muitas vezes foram aplicados de forma machista. Demorou muito para que a consciência feminina despertasse, vozes se levantassem exigindo uma interpretação da Bíblia desvinculada do tom patriarcal.

As mulheres tomaram coragem para interpretar a Bíblia mostrando que os mesmos textos que são usados para oprimi-las também podem ser a fonte de sua liberdade se forem bem lidos, sem óculos patriarcais. O estudo da Bíblia por mulheres que se originou no Ocidente acabou desembarcando na África. Da interpretação contextual da Bíblia por teólogas africanas nasceu a hermenêutica *Talitha cum* – expressão tirada da conhecida perícopes de Mc 5,21-43 – entendida como “arte de viver no espaço da ressurreição: a arte de se levantar continuamente contra os poderes da morte – os poderes do patriarcado, os poderes da

¹ Religioso e padre jesuíta congolês, bacharel em teologia e mestrando em Teologia pela FAJE, bolsista da CAPES/PROEX. E-mail: nzambalt@gmail.com

opressão e exploração colonial, os poderes que produzem e perpetuam pobreza, doença e todas as formas de exclusão e desumanização” (DUBE, 2009, p. 18).

O ponto de partida que motivou esta pesquisa foi uma pergunta feita pela professora Cleusa Caldeira numa aula: “Quantas teólogas negras você conhece?”³ Numa sala de aula onde havia apenas dois estudantes africanos, sentimo-nos particularmente desafiados. Longe de querer responder a essa pergunta citando os nomes das teólogas negras que finalmente conhecemos, tentaremos apresentar aqui um dos aspectos do trabalho científico delas: a hermenêutica *Talitha cum*. O presente trabalho admira, saúda e encoraja essa iniciativa na perspectiva de que ela produza os frutos esperados, os frutos que permaneçam, os frutos da ressurreição. Para isso, um furtivo olhar histórico sobre a opressão da mulher, a audácia da hermenêutica feminista africana da Bíblia e a expectativa de uma colheita abundante dessa hermenêutica são os eixos que estruturam este trabalho.

1 LONGA HISTÓRIA DA OPRESSÃO DE MULHERES

A história da opressão ou dominação das mulheres pelos homens remonta a tempos imemoriais. E isso, em todas as sociedades mesmo que, *mutatis mutandis*, haja sempre lugar para a exceção. E essa dominação é fruto de um longo processo milenar. De fato, de acordo com Gerda Lerner: “O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 anos até ser concluído. A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico” (LERNER, 2019, p. 261). Este último foi organizado em torno da família como unidade básica e daí foram se criando tanto suas regras como seus valores. A história bem antiga antes da nossa era mostra que ao conquistar um povo, os conquistadores matavam os homens e escravizavam as mulheres. O passo seguinte – o de submeter também à escravidão os homens das terras conquistadas – se deu:

Somente depois que os homens aprenderam como escravizar as mulheres dos grupos que podiam ser definidos como estranhos é que eles aprenderam a escravizar os homens desses grupos e, em seguida, grupos subordinados de suas próprias sociedades (LERNER, 2019, p. 262).

Assim sendo, a conquista da África subsaariana pela Europa escravizando homens e mulheres do continente a partir do século XV inscreve-se nessa prática milenar⁴. E aqui na

2 Aqui e em seguida onde aparece essa autora, a tradução é nossa.

3 Essa pergunta foi ampliada em: CALDEIRA, Cleusa (org.). *Teologia feminista negra: Vozes que ecoam da África e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 14-15: “Quantas teólogas negras você conhece ou estudou nas faculdades de teologia? Quantas teólogas ameríndias você conhece? E quantas teólogas africanas você já estudou? Você já se perguntou a razão pela qual você nunca ouviu falar de teólogas negras, africanas ou ameríndias? Como explicar essa invisibilidade?”

4 De acordo com Laurentino Gomes, o registro do primeiro leilão de africanos escravizados aconteceu em Portugal, na vila de Lagos, Algarve na presença do Infante dom Henrique em 1444. Ver GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. v.1. Rio de Janeiro: Globolivros, 2019, p. 11.

África, o conquistador europeu não chegou de mãos vazias. Enquanto em uma das mãos segurava uma arma, sob as axilas da outra sustentava a Bíblia. Todos os meios eram bons desde que servissem aos interesses dos conquistadores. Estes últimos, enviados pelos monarcas com a missão de conquistarem para o Cristo os povos ditos infiéis africanos, embarcavam da Europa para a África com missionários. Então a evangelização e a conquista das terras africanas andavam tão juntas que muitas vezes se confundia a diferença entre a missão evangelizadora e a da conquista. Mais ainda, a Bíblia foi não somente usada abusivamente, mas também interpretada para legitimar a escravidão dos africanos. É por isso que tanto teólogas negras quanto teólogos negros não acham errado afirmar que “a Bíblia para a comunidade negra é uma ‘fonte amarga’, porque ela foi usada não apenas para legitimar a escravidão como também para amaldiçoar o povo negro, por meio de interpretações racistas, classistas e etnocentristas” (CALDEIRA, 2023, p. 239).

Na realidade, não só na África, mas o patriarcado europeu se apoiou também na Bíblia para assegurar seu domínio sobre as mulheres. É por isso que, conforme Lerner, as mulheres, por mais de mil anos, se empenharam no trabalho de reinterpretação da Bíblia em crítica feminista massiva. Todavia, dada a sua marginalização no mundo do pensamento tanto religioso quanto filosófico, sua crítica não tinha servido por nada no sentido de os homens se sentirem interpelados. “A crítica de mulheres à Bíblia não só não mudou o paradigma patriarcal, mas também falhou em estimular o avanço do pensamento das mulheres em uma direção feminista, pois elas não sabiam que outras antes delas haviam tido essa iniciativa de repensar e revisar” (LERNER, 2022, p. 336). Se com isso, pelo menos algumas mulheres conseguiram a legitimação do modo individual, o óbvio é que o esforço intelectual feminino ficou historicamente descontinuado. “De modo contínuo, geração após geração, muitas Penélopes teceram o tecido desfiado apenas para desfiá-lo de novo” (LERNER, 2022, p. 336).

O impulso dessas tentativas de reinterpretação dos textos bíblicos fora de moldes machistas que as mulheres fizeram ao longo dos tempos, embora em descontinuidade, não se extinguiu definitivamente. Como brasas brilhantes sob cinzas espessas que uma única rajada de vento não poderia revelar nem reacender, assim o desejo de uma interpretação não machista da Bíblia habitava no fundo do coração de tantas mulheres. Foram tantas as camadas de cinzas sobrepostas ao longo dos séculos que, na ausência de tempestade, foram necessárias várias rajadas de vento para não mais negar a presença óbvia dessas brasas incandescentes. Nesse sentido, a última rajada de vento só soprou no final do século XIX nos Estados Unidos da América.

A teologia feminista apareceu no século XIX ao mesmo tempo que a luta das mulheres pela melhoria de sua condição jurídica, social e econômica. Por volta do final do século, uma presbiteriana americana de mais de oitenta anos, Elisabeth Cady Stanton, reuniu uma equipe de colaboradores para comentar tudo o que se referia às mulheres na Bíblia. O resultado desses trabalhos foi *The Woman's Bible* (1895 e 1898), um *best-seller* editado desde então (LOADES, 2004, p.

1207-1208).

Mostrar não só os limites, mas também a riqueza dos livros canônicos é a pretensão da teologia bíblica feminista. Esses textos em si e o uso que é feito deles podem constituir o lugar da manifestação da inferioridade das mulheres, já que não podem, supostamente, representar Deus ou Cristo. Nesse sentido, os referidos textos consagram o androcentrismo. Os mesmos textos, no entanto, “bem lidos, também fornecem meios para transformar a situação presente para melhorar o futuro” (LOADES, 2004, p. 1208). Foi o trabalho iniciado por Stanton e continuado por suas sucessoras até hoje.

Sem dúvida, num mundo do pluralismo religioso em que vivemos, não se pode mais falar de correntes teológicas nos dias de hoje sem aludir à teologia feminista, ou melhor, às teologias feministas. De fato, ao lado da corrente ocidental a que aludimos até aqui, existe, entre outras, a teologia feminista negra.

2 AUDÁCIA DA HERMENÊUTICA FEMINISTA NEGRA

Se com a teologia feminista – surgida num contexto ainda fortemente marcado pelo patriarcado – podemos falar da vitória das mulheres, nem todas as mulheres se sentiram representadas pela interpretação da Bíblia feita por suas congêneres ocidentais. Foi o caso das teólogas africanas que fizeram uma observação lúcida de que a interpretação dos textos bíblicos feita por suas pioneiras norte-americanas e europeias não levava em conta o problema de raça e classe com a mesma consideração que o problema do sexo. Aqui se entende a necessidade de uma reflexão teológica contextual que leva em consideração a cultura em que é elaborada. Como disse Gutiérrez: “Se a teologia é uma linguagem para comunicar Deus, em cada lugar deve assumir as inflexões daqueles que a formulam e daqueles a quem se dirige. Todo falar é marcado por um acento característico” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 36). Dito de uma outra forma: “O fazer teológico deve ter abertura orientada para a prática, para os problemas do lugar e do tempo” (ZILLES, 2014, p. 8). A teologia feminista feita pelas mulheres brancas norte-americanas e europeias não escapa a esta regra. A sua interpretação da Bíblia permitiu que as teólogas africanas não ficassem de mãos cruzadas.

Como este trabalho pioneiro foi desenvolvido por mulheres brancas norte-americanas e europeias, hermenêutica feminista foi identificada com a aproximação teológica de mulheres brancas à leitura da Bíblia. Mulheres das minorias negra e hispânica que sentiram que a aproximação das mulheres brancas lidou com o assunto do sexo, mas não suficientemente com os de classe e raça, respectivamente forjaram os termos “womanista” e “mujerista” para descrever sua interpretação (OKURE, 2010, p. 31).

A década das Mulheres da ONU com suas conferências em 1975 (México), em 1980 (Copenhague) e em 1985 (Nairóbi) mostrou claramente que as mulheres ocidentais e as não ocidentais não tinham as mesmas preocupações:

A divergência de opinião entre feministas ocidentais e feministas do Terceiro Mundo nessas conferências sobre o que constitui as questões e prioridades das mulheres ressalta a dificuldade de conceber uma categoria sociopolítica de ‘mulheres’, em nível global (OVÈRÓNKÉ, 2021, p. 259).

Se a hermenêutica bíblica dessas mulheres brancas não levou em consideração certos problemas concernentes às mulheres africanas a ponto de estas saírem dessa insatisfação para empreender sua própria hermenêutica bíblica, cabe, porém, afirmar que a interpretação feminista africana negra da Bíblia remonta a uma época antiga. “As mulheres sempre desempenharam papéis importantes na história da África, embora, muitas vezes, as narrativas escritas por homens as tenham marginalizado” (ASANTE, 2023, p. 398). Como escreveu Musa Dube em 2009, há provavelmente menos de trinta anos que as mulheres da África subsaariana fazem as leituras bíblicas acadêmicas. “No entanto, a interpretação bíblica das mulheres da África subsaariana remonta ao tempo em que a Bíblia passou a coexistir com as culturas, povos e terras da África subsaariana” (DUBE, 2009, p. 13).

Musa Dube faz alusão à Kimpa Vita (1682-1706) do reino do Kongo, que fora batizada como Dona Beatriz. Tendo constatado que a religião estava aliada à causa da conquista e servia para a submissão do seu povo, ela teve a coragem de lutar para libertar seu povo da ocupação portuguesa e reunificar o reino do Kongo. Sua luta não foi lançada apenas politicamente, mas também religiosamente. No plano religioso, depois de ter proclamado que o Espírito de Santo Antônio se apoderou dela, ela começou a profetizar. Por ter querido a destruição de todas as cruzes, de todos os crucifixos e de todas as imagens de Cristo, alegando que eles eram tão bons quanto os velhos fetiches, Kimpa Vita não pôde agradar de jeito nenhum as autoridades tanto religiosas quanto políticas. Sua pregação, que evocava também a restauração do reino do Kongo por Deus, não passava de um protesto muito significativo contra a Igreja Católica e o governo colonial. Musa Dube fala disso bem e laconicamente nesses termos:

Significativo, porém, foi a articulação de Kimpa Vita de um cristianismo culturalmente integrado. Vita sustentava que Cristo veio ao mundo como africano em São Salvador e que ele tinha apóstolos negros. Daneel coloca esta proclamação dentro do contexto anti-imperialista adequado, observando que, ‘sua proclamação deu expressão a um anseio profundo: o anseio por um Cristo que se identificasse com o africano desprezado;’ pois ‘como poderia o Cristo Branco de imagens portuguesas, o Cristo dos exploradores - como poderia ele ajudar o africano sofrendo, ansiando por liberdade?’ (46). Com esta proclamação radicalmente subversiva tanto para a igreja colonial como para o governo, Kimpa Vita foi reconhecida como uma perigosa pensadora. Ela foi assim condenada à morte e foi queimada na fogueira em 1706 (DUBE, 1996, p. 113).

Condenada como herege, porém, sua memória não foi apagada definitivamente. Pois por ter resistido audaciosamente ao imperialismo e ter apresentado Jesus e seus apóstolos como negros, Kimpa Vita articulou, afirma Dube, uma cristologia africana da resistência. Assim sendo, é no legado dela que se inscreve a hermenêutica *Talitha cum* das mulheres africanas. Essa hermenêutica está ligada ao Círculo de Teólogas Africanas Preocupadas cujas pioneiras são Mercy Amba Oduyoye (Gana); Madipoane Masenya (África do Sul), Musa Wenkosi Dube (Botswana) e Teresa Okure (Nigéria). Do que se trata? Este Círculo, cuja honra de fundação vai para a professora Mercy Amba Oduyoye, foi lançado pela primeira vez em 1989, em Gana. Trata-se de “uma comunidade de mulheres teólogas africanas que se reúnem para refletir sobre o que significa para elas ser mulheres de fé dentro de suas experiências de religião, cultura, política e estruturas socioeconômicas na África” (PHIRI, 2008, p. 1-2).⁵ E quais são seus objetivos?

O Círculo busca desenvolver a capacidade das mulheres africanas de contribuir com seu pensamento crítico e análise para avançar o conhecimento atual usando uma estrutura teórica baseada em teologia, religião e cultura. Ele capacita as mulheres africanas a trabalhar ativamente pela justiça social em suas comunidades e refletir sobre suas ações em suas publicações (PHIRI, 2008, p. 2)⁶.

De acordo com a visão e a missão⁷ do Círculo, “a investigação, a escrita e a publicação sobre religião e cultura a partir da perspectiva das mulheres africanas constituem a atividade principal do Círculo. É o que distingue o Círculo de outras organizações e movimentos de mulheres em África” (PHIRI, 2008, p. 3).

Quanto à hermenêutica *Thalita cum*, parece-nos mais fácil passar a palavra a uma das pioneiras que, num artigo do qual reproduzimos o extrato, explica de forma clara e concisa o que precisamos entender.

A hermenêutica *Talitha cum* refere-se à arte de viver no espaço da ressurreição, a arte de se levantar continuamente contra os poderes da morte: os poderes do patriarcado, os poderes da opressão e exploração colonial, os poderes que produzem e perpetuam a pobreza, a doença e todas as formas de exclusão e desumanização. Caminhando no legado de Kimpa Vita, a hermenêutica *talitha cum* das mulheres africanas significa viver e insistir em permanecer viva, mesmo quan-

5 Aqui e em seguida onde essa autora é citada a tradução é nossa.

6 Na segunda nota de rodapé do artigo já citado, Phiri afirma que “Esses são os objetivos do Círculo, conforme refletidos no projeto de constituição do Círculo, de 2007”.

7 Na quarta nota de rodapé da mesma página a autora escreve: “A missão do Círculo é realizar pesquisas, escrever e publicar sobre questões africanas da perspectiva das mulheres. A visão do Círculo é capacitar mulheres africanas para contribuir com seu pensamento crítico e análise para avançar o conhecimento atual. Teologia, religião e cultura são os três focos escolhidos, que devem ser usados como estrutura para pesquisas e publicações do Círculo.”

do confrontada com poderes opressivos que esmagam. Alguém ousa se levantar (DUBE, 2009, p. 18).

Essa postura hermenêutica não só envolve resistência às ideologias colonizadoras e patriarcais nos cânones bíblicos e orais africanos, mas “também requer a construção de um espaço de interdependência libertadora entre culturas, gêneros, etnias, raças, sexualidades, religiões, nações, mundos culturais e meio ambiente” (DUBE, 2009, p. 27). É uma proposta hermenêutica da vida. Como bem diz Teresa Okure, se é verdade que a história da Bíblia é uma história sobre a vida, não é errado afirmar que a vida contém a chave para a compreender.

Como brasas sob as cinzas que não precisam de muitas rajadas de vento para que se reacendam, assim foi a manifestação da sede da liberdade que habitava o coração de Kimpa Vita perante a opressão do seu povo. Ela se tinha atrevido contra os opressores sem demora nem medir as consequências inerentes ao seu agir. Do mesmo jeito, a hermenêutica *Talitha cum* tem a audácia de levantar a voz não só contra uma interpretação machista da Bíblia, mas contra todo tipo de opressão, contra toda força de morte em prol da vida. Como esta hermenêutica das mulheres africanas pode produzir frutos esperados?

3 INÍCIO DO COMEÇO

A história mostra que aquelas que, sob outros céus, tentaram iniciativas semelhantes, mas individualmente, não conseguiram ir longe. Muitas são mulheres cujas incríveis conquistas individuais inspiram respeito, “mas devemos notar que o esforço individual não pôde resultar em um avanço coletivo de consciência. Mulheres de talento existiram. Lutaram com coragem, conquistaram – e foram esquecidas” (LERNER, 2022, p. 336-337). E aquelas que vinham depois não lhes incumbia um outro trabalho a não ser o de Sísifo, como um eterno recomeço.

Todavia, conforme a hermenêutica *Talitha cum*, o fato de essa visão não ser prerrogativa de uma só mulher, mas de um grupo de mulheres, já é um bom começo. Como verdadeiras africanas, elas entenderam melhor do que ninguém o provérbio africano que diz: “Se quiser ir depressa, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá junto” (NGOMANE, 2023, p. 32). E a beleza dessa caminhada conjunta está no fato de que essas mulheres não são do mesmo país, nem da mesma cultura, muito menos da mesma denominação religiosa. Isso certamente lhes permite analisar os problemas da opressão na África de vários ângulos e com diferentes sensibilidades.

Sabendo que – por várias razões, incluindo culturais, econômicas, políticas, sociais e até religiosas – a taxa de alfabetização das mulheres na África está entre as mais baixas, esta luta contra a opressão e todo tipo de discriminação não só deve incentivar as mulheres a estudar teologia para darem continuidade às atividades do Círculo, mas também apoiar o acesso das meninas à escola. Já que, em muitos países no continente africano, há uma “percepção cultural de que quando as famílias não têm dinheiro suficiente para educar todos os

seus filhos, a prioridade é dada aos meninos porque eles crescerão para serem o ganha-pão, enquanto as meninas serão casadas com homens que as sustentarão” (PHIRI, 2008, p. 5).⁸

Precisam frequentar escolas que lhes proporcionem uma formação melhor, sólida e integral, a ponto de levar os estudos o mais longe possível. Isso poderá despertar a consciência dessas jovens, permitir que tenham as mesmas oportunidades de trabalho que seus irmãos e tenham acesso a todos os instrumentos possíveis para continuar a luta contra todo poder da morte na África. Como disse o Papa Francisco: “Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida” (LS, n. 213).

Como destacou Okure, o problema da opressão na África vai além de uma simples questão de gênero. Assim, esse trabalho de luta pelo acesso das meninas a uma boa formação intelectual e humana seria incompleto se não levasse em consideração seus irmãos homens, potenciais detentores do poder patriarcal. Daí não apenas a necessidade de incluir os teólogos africanos nessa luta, mas também de formá-los na perspectiva de uma teologia desvinculada da visão machista de leitura da Bíblia. Nesse sentido, é louvável o trabalho de Teresa Okure como professora de homens cléricos no Instituto Católico da África Ocidental (CIWA). Faz leituras feministas da Bíblia com os estudantes a quem é pedido de apresentar um trabalho crítico sobre as discriminações presentes na Bíblia, na Igreja e nas culturas contra mulheres. Segundo ela:

Avaliações que recebemos quando os estudantes voltam ao seu ministério paroquial provam a efetividade de suas “leituras feministas” da Bíblia. Mudanças genuínas acontecem nas atitudes em relação a mulheres e nos métodos pastorais; programas de conscientização são desenvolvidos para multiplicar o efeito. Embora o exercício não torne os estudantes feministas – se entendemos por isso a reflexão de mulheres sobre assuntos de mulheres – ele os torna cristãos melhores e pregadores mais fiéis da Boa Nova de Jesus de Nazaré (OKURE, 2010, p. 34).

Esse trabalho de inclusão constitui uma grande força para a hermenêutica *Talitha cum*. Por mais que essa inclusão seja louvável, ela não pode ficar restrita ao solo africano. Se é verdade que é inegável a participação de África na situação de opressão em que se encontra, também não é falso que o peso do colonialismo e do neocolonialismo continua esmagando todas as tentativas africanas de *talitha cum*, para não dizer de ressurreição. Assim sendo, o diálogo com outras teologias feitas além-mar é imprescindível. “Quem conhece o outro e se conhece, pode travar cem batalhas sem nunca correr perigo. Quem não conhece o outro mas conhece a si mesmo, a cada vitória, experimentará uma derrota. Quem não conhece nem o outro nem a si mesmo, inevitavelmente perderá todas as batalhas”, disse Sun Tzu.

8 Mas é também verdade encontrar em muitas famílias, alusão feita à República democrática do Congo, que quando pelas mesmas razões econômicas a família tem de escolher entre um moço e uma moça que já completaram o ensino médio para ingressar na universidade a moça seja privilegiada. Pois culturalmente, o primeiro pode esperar muitos anos antes de iniciar o ensino superior o que não é fácil para a segunda.

Esse diálogo é entendido aqui no sentido da civilização do universal conforme Léopold Sédar Senghor. Sem dúvida alguma, se a humanidade toda luta com todas as suas forças, é “para chegar ao *ponto ômega*, identificável com Jesus Cristo, o único mediador entre Deus e seu povo. Em termos seculares, a civilização do universal é o encontro de dar e receber, uma iniciativa que é para todos os seres humanos construírem” (KAHIUDI, 2011, p. 8).⁹ Esse diálogo, podemos afirmar com segurança, já é uma realidade transatlântica entre as teólogas negras africanas da África subsaariana e as da diáspora, sem esquecer as teólogas indígenas da América Latina.¹⁰

Respondendo de uma cadeia de Birmingham, em 16 de abril de 1963, a uma declaração publicada por oito de seus colegas clérigos do Alabama, aquele que ganhará o Nobel da paz no ano seguinte escreveu que “Injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todos os lugares” (KING, 2020, p. 88). Se isso é verdade, então podemos afirmar sem risco de sermos contrariados que a hermenêutica *Talitha cum* está fazendo um trabalho valioso tanto para a África quanto para a humanidade na medida em que promove a vida contra todas as forças que lhe são hostis, prejudiciais. Esses esforços ainda sofrem de invisibilidade. Talvez um dos grandes entraves à divulgação desses trabalhos seja o poder econômico do que padece o continente africano em geral e, conseqüentemente, essas mulheres e teólogas africanas em particular. Todavia, como diz um provérbio árabe: “Quem quer fazer alguma coisa arranja um jeito, quem não quer fazer nada arranja uma desculpa”. A falta de recursos financeiros não pode nem deve sufocar o fogo de liberdade, de um mundo sem qualquer tipo de opressão a que aspiram as pioneiras da hermenêutica *Talitha cum*. Esta última está somente trilhando a passagem. O caminho a percorrer não é apenas longo, e mesmo muito longo, mas também rochoso, difícil. E a vontade de descobrir o que há no fim do caminho é tão forte que nenhum obstáculo se mostra intransponível. *Talitha cum, África!* É só o início do começo.

CONCLUSÃO

Se é verdade que o patriarcado foi criado por homens e mulheres ao longo da história, para derrotá-lo é fundamental que os dois autores históricos unam esforços. E como a Bíblia foi usada e até mesmo abusivamente para consagrar a opressão de mulheres pelos homens, se esse trabalho de superar a leitura machista dos textos bíblicos pertencer apenas às mulheres teólogas, o grande risco será de não atingir a meta ou, como diz uma expressão francesa, despir São Pedro para vestir São Paulo. Ou seja, esta nobre iniciativa – por seu objetivo de lutar contra todas as forças da morte na África – realizada pelos membros da hermenêutica *Talitha cum*, se não for apoiada, melhor abraçada de frente pelos teólogos africanos, correrá o risco de suplantado patriarcado com matriarcado. Já que a iniciativa é nobre e inclusiva, por que todas as teólogas e todos os teólogos da África não deveriam abraçá-la para que a vida

9 A Tradução é nossa.

10 Testemunho desse diálogo, entre outros, a recente publicação já mencionada: CALDEIRA, Cleusa (org.). *Teologia feminista negra: Vozes que ecoam da África e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2023.

num mundo da ressurreição como entendida pela hermenêutica *Talitha cum* se torne cada vez mais possível?

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. *A história da África: A busca pela harmonia eterna*. Petrópolis: Vozes, 2023.

CALDEIRA, Cleusa. Leitura feminista negra da Bíblia: Cântico dos Cânticos 1,5-6 e África como autorreferencial. In: CALDEIRA, Cleusa (org.). *Teologia feminista negra: Vozes que ecoam da África e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 238-271.

DUBE, Musa. Readings of Semoya: Batswana Women's Interpretations of Matt 15:21-28. *Semeia* 73, Botswana, p. 111-129. 1996. Disponível em: https://www.Researchgate.net/profile/MusaDube/publication/304495980_Readings_of_Semoya/links/5aaeda2ba6fdcc1bc0bc75f5/Readings-of-Semoya.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.

DUBE, Musa. Talitha Cum Hermeneutics: Some African Women's ways of Reading the Bible. In Botha, eds. *Semeia Studies: Twenty-Five Years of Liberation Theology*. p. 13-27. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/37437717/TALITHA_CUM_HERMENEUTICS_SOME_AFRICAN_WOMENS_WAYS_OF_READING_THE_BIBLE. Acesso em: 30 jun. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2015. (Documentos do magistério).

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. v.1. Rio de Janeiro: Globolivos, 2019.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 2000.

KAHIUDI, Claver Mabana. Léopold Sédar Senghor et la civilisation de l'universel. *Diogenes*, v. 2011/3-4, n. 235 -236, p. 3-13. 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-diogene-2011-3-page-3.htm>. Acesso em: 06 jul. 2023.

KING, Martin Luther. *Por que não podemos esperar*. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

LERNER, Gerda. *A criação da consciência feminista: A luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal*. São Paulo: Cultrix, 2022.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOADES, Ann. Teologia feminista. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1207-1210.

NGOMANE, Mungi. *Ubuntu todos os dias: Eu sou porque nós somos*. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2023.

OKURE, Teresa. Interpretações feministas na África. *Mandragora*, São Paulo. v. 16, n. 16, p. 30-38. 2010. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v16n16p30-38>. Disponível em: <https://www.Metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/arti cle/view/1886>. Acesso em: 05 jun. 2023.

OYÈRÓNKÉ, OYÈWUMÍ. *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PHIRI, Apawo Isabel. Major Challenges for African Women Theologians in *Theological Education* (1989-2008). Disponível em: https://www.oikoumene.org/sites/default/files/Document/challenges_faced_by_African_women_in_Theological_Education_1_by_IA_Phiri.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

ZILLES, Urbano. *História da teologia cristã*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014.